OBSERVATÓRIO DE CONFLITOS NA INTERNET

CICLO ELEITORAL 2026 · BRASIL

Brasil Online

Relatório semanal da polarização nas Eleições Presidenciais 2026

OBSERVA · Observatório de Conflitos na Internet

EDIÇÃO Nº
012

PERÍODO DE REFERÊNCIA
20/10/2026 a 26/10/2026

DATA DE PUBLICAÇÃO
30/10/2026

FICHA TÉCNICA

Esta ficha técnica identifica a autoria, a equipe responsável e as condições de publicação desta edição do relatório OBSERVA. Deve ser atualizada a cada novo ciclo de coleta e publicação.

Título do relatório	Brasil Online: Estudo da polarização nas Eleições Presidenciais 2026
Edição / número	Relatório Semanal nº 12
Período de referência	20/10/2026 a 26/10/2026
Data de publicação	30/10/2026
Ciclo eleitoral	Eleições Presidenciais 2026 — Brasil
Coordenação geral	Prof. Dr. Claudio Luis de Camargo Penteado (UFABC)
Coordenação de pesquisa	Profa Dra. Denise Hideko Goya (UFABC) Prof. Dr. Paulo Roberto Souza (FESPSP) Profa Dra. Helga De Almeida (UNIVASF) Prof. Dr. Julião Gonçalves Amaral (UFMG) Prof. Dr. Emmanuel Vitor Cleto Duarte (UFABC)
Coordenação de dados e visualização	Prof. Dr. Carlos da Silva dos Santos (UFABC) Profa. Dra. Patrícia Dias dos Santos (UFABC)
Equipe de pesquisa	Alice Rodrigues Ferreira da Silva Ana Clara Oliveira Damasceno Anna Luiza Nogueira Couto Dr. Bruno Anunciação Rocha Bel. Eduardo Filipe P. Vieira Enzo Silva Neves Enzo Vladir Oliveira Andrade Bel. Fernando Hiroaki Suzuki Bel. Gabriel Rodrigues Bogdan Gabriel Vinícius Peres da Silva Giulia Ribeiro Giovanna Figueiroa da Silva Gislaine Bagagi Lima Joanne Santos Mota Profa. Dra. Gleidylucy Oliveira Gustavo Cesar Gomes Icaro Gautama Lindolfo Inoue Júlia Beatriz Barros Abdallah Ms. Julian Sarmiento Herrera Leonardo dos Reis Souza Lucas Oliveira Isidio da Silva Luis Gustavo do Nascimento Bezerra Ms. Luiza Jardim Maria Clara de Almeida Santos Gusmão Maria Eloísa Santos Sousa Matheus Macedo Santos Miguel Yudi Baba Ms. Raquel Mirian Pereira de Souza Raphael Moisés Pereira Brito Romário Djavan Lins de Araújo Bel. Stephany Caroline Cavaleto Santanna Profa. Dra. Tathiana Chicarino Bel. Vitor Rubens Sniquer Leão Martins
Instituição / grupo de pesquisa	OBSERVA — Grupo de Pesquisa em Observação de Conflitos na Internet
Contato institucional	claudio.penteado@ufabc.edu.br
Como citar esta edição	[Penteado et al. Brasil Online: Estudo da polarização nas Eleições Presidenciais 2026. Relatório 12. OBSERVA, 2026.

1. RESUMO EXECUTIVO

Esta é a décima segunda edição do relatório Brasil Online, que apresenta o acompanhamento sistemático do debate político nas redes sociais realizado pelo grupo OBSERVA — Observatório de Conflitos na Internet — ao longo de todo o ciclo das Eleições Presidenciais de 2026. O objetivo desta série é mapear, de forma contínua, como a disputa entre os campos de esquerda e direita se manifesta nas principais plataformas digitais do país, combinando a análise de dados computacionais com análise qualitativa de conflitos online.

O recorte desta rodada compreende o período de 20 a 26 de outubro de 2026. Foram analisadas as publicações e interações de 164 perfis de lideranças políticas, influenciadores e jornalistas de destaque no debate público, distribuídos entre as plataformas X (Twitter), Instagram e TikTok. A partir desses dados, o relatório combina indicadores quantitativos de volume e interações, análise automatizada de sentimentos e emoções, com uma leitura qualitativa dos principais conflitos discursivos identificados no período.

Na semana foram identificados conflitos classificados como **políticos e morais**, com diferentes incidências em relação às plataformas. Boa parte dos conflitos durante a semana foi em torno de qual candidato teria mais legitimidade para representar o povo brasileiro, durante o período pré eleição. Já no domingo, dia da eleição, os conflitos tomaram uma nova configuração e adotam novos temas: restrição da circulação da frota de ônibus em municípios governados por prefeitos bolsonaristas, pelos perfis de esquerda, e acusações da direita bolsonarista sobre os efeitos da extensão do horário de votação - que também havia sido solicitada pela campanha de Flávio Bolsonaro. Ao final de domingo e na segunda, os conflitos são voltados para o não reconhecimento dos resultados das eleições por parte de Flávio Bolsonaro e de alguns de seus apoiadores. Os principais conflitos identificados estão destacados a seguir:

Político:

a) Campanha eleitoral: no dia do segundo turno das eleições gerais, 25 de outubro, houveram três eventos que mobilizaram os diferentes lados políticos, cada um usando uma narrativa:
   i) A esquerda denunciou dificuldade de eleitores de acessarem transporte público em várias regiões do país, e atribuíram a redução da frota em São Paulo e Salvador a prefeitos aliados de Flávio Bolsonaro, enquanto que a direita bolsonarista acusou a esquerda de adesivar ônibus no Nordeste com o número do PT, além de acusar a denúncia das frotas de ônibus de ser “jogo combinado”;
   ii) A esquerda criticou Kassio Nunes e o TSE por demorarem para decidir pela prorrogação do horário de votação, e a direita bolsonarista tratou a decisão de Zanin (STF) como interferência indevida no processo eleitoral;

b) Campanha eleitoral II: a partir de um vídeo de campanha produzido por Nicolas Ferreira, esquerda e direita disputaram a legitimidade de diferentes versões sobre o Nordeste. A direita argumentou que o PT teria abandonado a região, um lugar de "extrema pobreza", enquanto a esquerda argumentou que um sudestino estaria fazendo uma representação caricatural e enviesada da região com um vídeo protagonizado por personagens falsos. Foram identificadas outras disputas em torno de qual campo poderia ser representante legítimo do povo.

c) Campanha eleitoral III: a esquerda movimentou as redes apoiando a decisão de Lula de quebrar seu sigilo bancário voluntariamente, e enquadrou a não adesão de Flávio Bolsonaro como confissão de crime. A direita bolsonarista primeiro argumentou que Lula não teria de fato aberto sigilo, depois cobrou a quebra de sigilo do cartão corporativo da Presidência e acrescentou exigências para que Flávio atendesse ao pedido, que foram respondidas pela esquerda com ironia.

d) Campanha eleitoral IV: a esquerda mobilizou discursos de que estaria sendo censurada pelo TSE e pelas plataformas sociodigitais, como a Meta, e a direita afirmou que Lula estaria propondo a censura da direita por meio de propostas de regulação das plataformas.

e) Campanha eleitoral V: após o anúncio do resultado final, de uma lado, a esquerda comemorou a vitória de Lula e, por outro lado, a direita bolsonarista respondeu que prepararia uma ação de impeachment contra o presidente, sinalizando a aposta na instabilidade política.

f) Políticas públicas: a esquerda criticou a gestão de Jair Bolsonaro durante a pandemia e estabeleceu Flávio Bolsonaro como ameaça e repetição dos erros e ataques da gestão de seu pai, além de apontar o despreparo da direita bolsonarista para formular políticas públicas. Renan Santos também mobilizou críticas ao Flávio e buscou desconstruir a visão de que toda oposição ao Lula seria um apoio ao bolsonarismo.

g) Políticas públicas VI: a direita usou a discussão sobre a "saidinha" e uma fala de Lula no debate da Globo para apontar que o atual presidente colocaria direitos dos criminosos acima da segurança da população, enquanto o campo lulista mobilizou novamente o caso de Ana Clara, menina de 5 anos que foi morta por um disparo de fuzil, e que Flávio Bolsonaro defende o policial acusado.

h) Outros: o pedido de apreensão do passaporte de Flávio Bolsonaro no dia após as eleições e a possibilidade de fuga do país do mesmo foi mobilizada pela esquerda como desfecho previsível, ressaltando as pendências judiciais do candidato derrotado. A direita bolsonarista respondeu usando o critério de vitimização, e apontando que essa decisão do STF seria uma perseguição política.

Moral:

a) Boato: ambos campos exploraram narrativas de escândalo de natureza moral - a esquerda mobilizando um questionamento sobre quem seria Mariana, e insinuando revelações sobre a conduta privada de Flávio Bolsonaro e insinuações de cunho sexual, enquanto a direita respondeu com a pergunta sobre quem seria Leandra, tentando atribuir o suspense para o outro lado, e ridicularizou as insinuações da esquerda sobre Mariana.

b) Pânico moral: discussão sobre segurança pública no qual perfis da esquerda associaram Flávio Bolsonaro à defesa de um policial que matou uma menina de 5 anos com um tiro de fuzil. Por outro lado, Nikolas Ferreira (PL) reagiui à fala de Lula em debate sobre segurança pública e ironizou sugerindo que o atual presidente defenderia o tráfico, a pedofilia e o crime organizado.

Na décima segunda semana acompanhada pelo **Brasil Online** registrou-se um aumento de aproximadamente 5% no número de publicações, diferente do aumento de quase 50% da semana anterior, e um aumento de quase 32% no volume de interações, o que sinaliza a continuidade da intensificação do debate eleitoral registrada na semana anterior. A esquerda teve maior número de publicações nas três plataformas analisadas e, pela terceira vez desde o início do acompanhamento, obteve maior volume de interações - coroando assim a sua liderança no engajamento no período entre o primeiro e o segundo turno. Esse padrão permaneceu em 6 dos 7 dias do acompanhamento, com dois picos de engajamento para a esquerda: 24/10, dia de atos do Lula em São Paulo e no Rio de Janeiro, além de a live do Janones mobilizando missões de engajamento; e 25/10, com publicações movidas sobretudo pela celebração da vitória de Lula. Os picos de engajamento da direita também foram nestes dois dias. A direita teve um pouco mais de engajamento do que a esquerda no dia 20/10, impulsionada pelo vídeo de Nikolas Ferreira sobre o Nordeste, mas os dois campos estavam bem próximos. Em 26/10, os dois campos recuaram fortemente em número de publicações e principalmente em engajamento, marcando o dia após as eleições.

Em relação ao engajamento dos perfis, dessa vez os cinco perfis que mais publicaram foram da esquerda, mas Nikolas Ferreira liderou no engajamento (95,1 milhões), seguido por Lula (62,4 milhões), Janones (57,9 milhões), Flávio Bolsonaro (35,2 milhões) e Janja (28,4 milhões). Em relação a análise de sentimentos, também pela terceira vez desde o início do acompanhamento, a esquerda e direita tiveram maior número de conteúdos negativos. Em relação à semana anterior, a direita foi o campo que mais mudou: reduziu os posts negativos (de 47,2% para 43,2%) e aumentou os positivos (de 34,5% para 37,1%). O dia da eleição foi o mais positivo para os dois campos, mas o dia seguinte foi o pico de negatividade da direita. Em relação às emoções mobilizadas, a esquerda mobilizou mais alegria do que a direita, aumentando a proporção de alegria em relação à semana anterior.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A eleição presidencial de 2026 tem como principais candidatos o incumbente Luiz Inácio Lula da Silva (PT); Flávio Bolsonaro (PL), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, preso por tentativa de golpe de Estado; Ronaldo Caiado (PSD), ex-governador de Goiás; Romeu Zema (Novo), ex-governador de Minas Gerais; o escritor e *coach* Augusto Cury (Avante) e, Renan Santos (Missão). As pesquisas de intenção de voto apontam para uma replicação da polarização entre a esquerda e a direita que marcou as últimas eleições, concentrando-se na disputa entre Lula e Flávio Bolsonaro. Ao final do do primeiro turno, os resultados confirmaram a concentração dos votos nos dois candidatos, sendo que o senador teve 47% dos votos, contra 45% do presidente, com uma abstenção de 21%.

O período de 20 a 26 de outubro de 2026 foi marcado finalização das campanhas eleitorais, mobilizações de apoiadores ocupando as ruas das cidades brasileiras, realização da votação, com denúncias de restrição de transporte público em diversas cidades do Brasil, em especial Salvador e São Paulo, o que levou a prorrogação da votação até às 19 horas. A semana ainda registrou o debate nas plataformas em torno da apuração dos votos e os resultado eleitoral que consagrou a vitória do presidente Lula, com uma virada improvável no segundo turno, atingindo 64.256.232 (51,79%), contra 59.826.041 (48,21%) de Flávio Bolsonaro, ao se reeleger para seu quarto mandato.

3. PRINCIPAIS MÉTRICAS

No período de 20 a 26 outubro foram coletadas 8.319 publicações nas três plataformas dos perfis acompanhados: X, Instagram e TikTok, consolidando a terceira semana seguida com aumento do número de publicações de 5,85% de publicações e também um acréscimo de 31,67% no volume de interações em relação à semana anterior. No segundo turno, os dados de postagens e de engajamento confirmam a intensificação do debate político online.

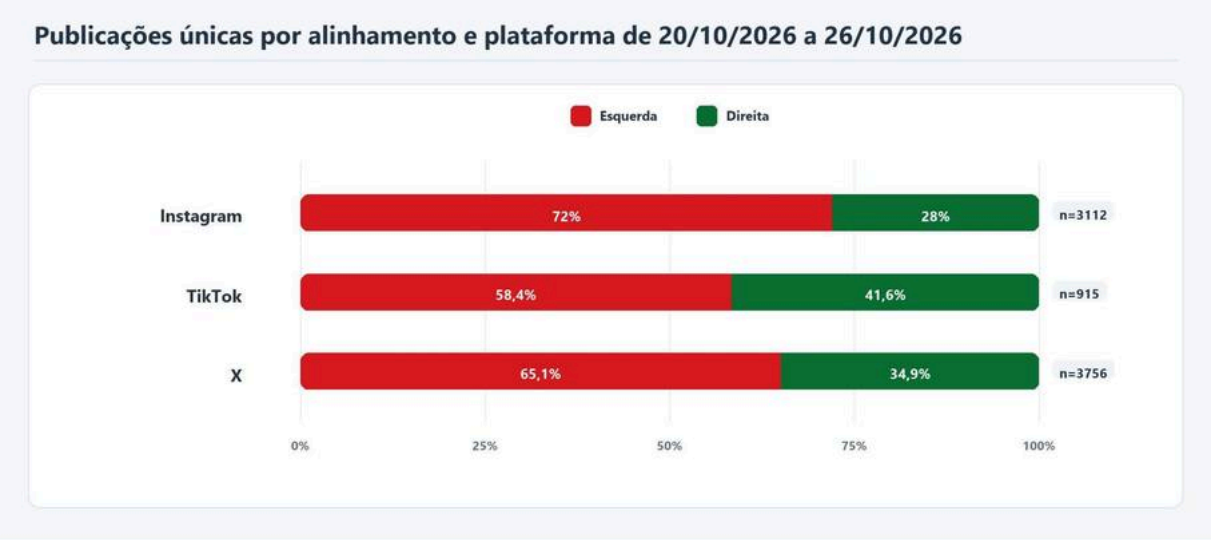
Somente no TikTok houve uma diminuição do número de publicações (-6,64%), contudo um aumento de interações de 11,26%. Nas demais plataformas, houve uma variação positiva tanto em volume de postagens, quanto no número de interações. O X registrou uma variação positiva de quase 9% de conteúdos publicados e um aumento de 37% de engajamento. E o Instagram teve um aumento de 6,13% de postagens, e uma elevação de de interatividade de 33,16%.

Tabela 1. *Publicações e interações por plataforma — 20 a 26 de outubro de 2026*

Plataforma	Publicações	Var. período anterior	Interações	Var. período anterior
X (Twitter)	4.050	▲ [+8,96%]	63.266.613	▲ [+37,08%]
Instagram	3.341	▲ [+6,13%]	491.677.794	▲ [+33,16%]
TikTok	928	⬇ [-6,64%]	43.677.299	▲ [+11,26%]
Total	8.319	▲ [+5,85%]	59.8621.706	▲ [+31,67%]

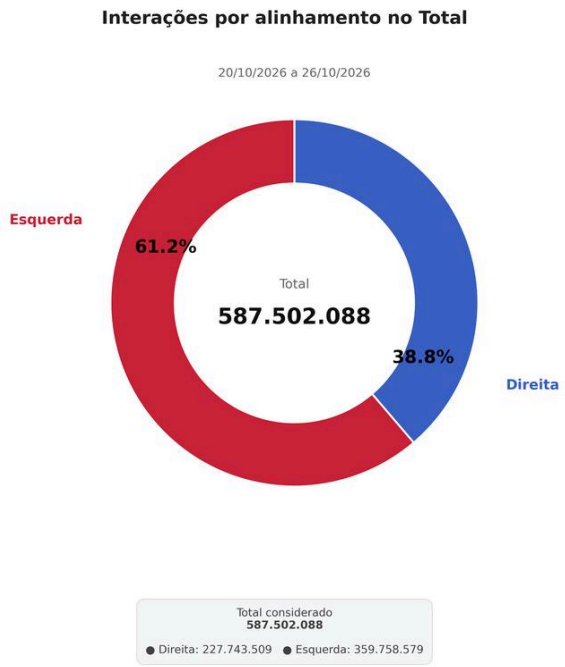
Fonte: coleta OBSERVA

3.1 Publicações por plataforma com alinhamento político

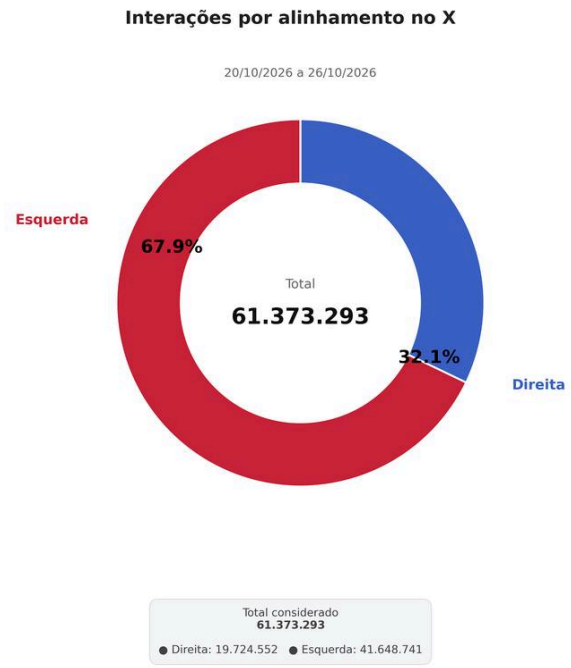


O gráfico acima apresenta a proporção de publicações realizadas pelo alinhamento dos perfis, de acordo com a classificação adotada neste relatório. Para a análise comparativa não foram incluídas as publicações de perfis classificados como indefinidos (jornalistas) que fazem parte do estudo, totalizando um corpus de 7.783 mensagens. Nas três plataformas acompanhadas, os perfis de esquerda tiveram uma maior atividade que os de direita. No Instagram, a maior diferença entre os campos, a proporção foi de 72% de publicações da esquerda, contra somente 28% da direita. No X, a esquerda teve 65,1% das publicações, enquanto a direita teve 41,6%. No TikTok, o número de publicações dos perfis progressistas representam 65,1%. Os dados das plataformas apontam uma maior mobilização na publicação de conteúdos do campo progressista dentro do debate político.

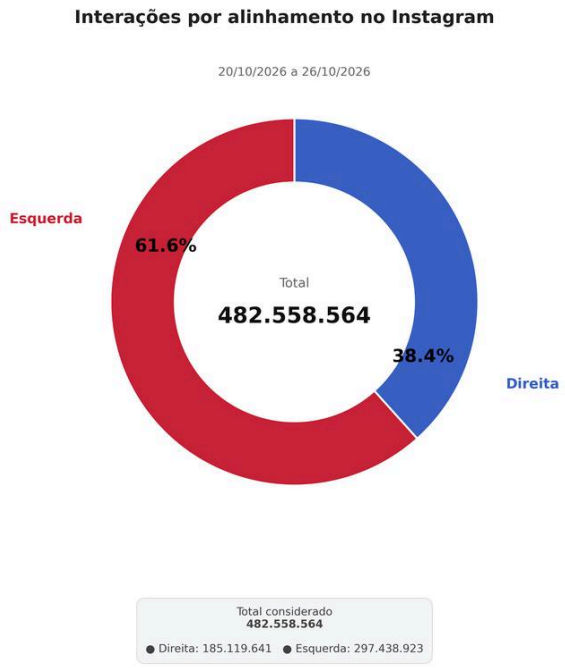
3.2 Interações por plataforma com alinhamento político



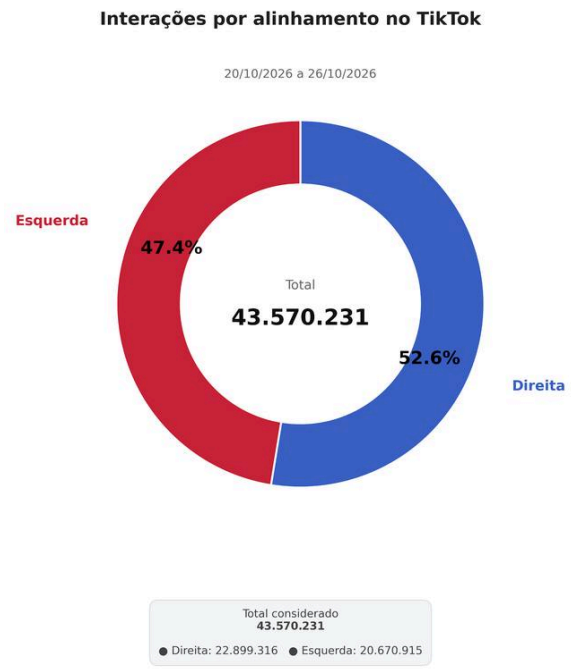
O gráfico consolidou as interações (soma de curtidas, comentários e compartilhamentos/ reposts) registradas no **Instagram**, no **X** e no **TikTok** entre 20 e 26/10/2026. Do total de 587.502.088 interações, a esquerda concentrou 61,2% e a direita 38,8%. A esquerda manteve a liderança, assumida no segundo turno. O campo da esquerda publicou mais que o dobro de conteúdo (5.220 posts contra 2.563), mas a direita obteve média superior por publicação (88,9 mil contra 68,9 mil). O Instagram continuou como a principal arena, com 82,1% das interações, seguido pelo X (10,4%) e pelo TikTok (7,4%). No campo da esquerda, Lula liderou (62,4 milhões de interações em 251 publicações), seguido de perto por André Janones (57,9 milhões em 81 posts), Janja Silva (28,4 milhões), Guilherme Cortez (27,1 milhões) e Erika Hilton (24,1 milhões). As publicações mais engajadas do campo foram as de comemoração do resultado, em 25/10 — "Obrigado, povo brasileiro!" (Lula, 5,50 milhões), "QUE EMOÇÃO! Tudo valeu a pena 🌟💗😭" (Erika Hilton, 4,85 milhões) e "VIRAMOS!! 😭 […] LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA está reeleito presidente do Brasil!!!" (Janones, 4,29 milhões). No campo da direita, Nikolas Ferreira atingiu seu maior patamar no período: 95,1 milhões de interações, o equivalente a 41,8% de tudo o que o campo obteve, muito à frente de Flávio Bolsonaro (35,2 milhões), Lucas Pavanato (10,3 milhões) e Gustavo Gayer (8,5 milhões). Nikolas assinou a publicação mais engajada de toda a base — "O Nordeste que foi esquecido." (9,18 milhões) —, além de mensagens do dia da eleição — "Isso é urgente mesmo." (6,78 milhões) e "Que tudo seja esclarecido. O Brasil não vai ceder." (5,64 milhões). Flávio Bolsonaro teve seu post mais engajado no dia seguinte à votação — "Peço que assista até o final e compartilhe." (5,42 milhões, 26/10).



No X, foram somadas 61.373.293 interações entre perfis de esquerda e de direita, cerca de 39% a mais que na semana anterior. A esquerda ficou com 67,9% e a direita com 32,1%. A esquerda publicou mais (2.444 contra 1.312) e também teve média um pouco maior por publicação (cerca de 17 mil interações, contra 15 mil). Os reposts tiveram peso relevante, sobretudo na esquerda (21% das interações do campo, contra 14%, na direita). O X foi a plataforma em que a esquerda mais se destacou no período, enquanto a direita perdeu terreno. No campo da esquerda, o engajamento ficou bem distribuído entre André Janones (cerca de 5,9 milhões), Guilherme Cortez (4,9 milhões), Erika Hilton (4,9 milhões), Lula (4,7 milhões) e Sâmia Bomfim (3,4 milhões). O post mais engajado foi de Erika Hilton, em 26/10 — “Derrotamos a Meta. Derrotamos as bets. Derrotamos os EUA. Derrotamos a milícia. Derrotamos a Faria Lima. Derrotamos a turma do Vorcaro. Derrotamos Flávio Bolsonaro. Lula é tetra, e de virada.” (668.443). Também se destacaram Boulos — “Lula entregou todos os sigilos abertos ao TSE. Flávio não entregou nada. Fugiu como um rato porque deve” (305.923) — e Janones — “Agora vocês acreditam que a eleição está ganha? 😭😭😭” (350.243). No campo da direita, Nikolas Ferreira concentrou cerca de 7,0 milhões (36% do campo na rede) — “O Nordeste que foi esquecido.” (335.433), “Fiz tudo que pude. Agora está em suas mãos, Senhor.” (190.138) e, após a votação, “>11 milhões de votos a mais > crescimento em TODOS OS ESTADOS […] Qual a chance?” (186.896) e “Mais um impeachment pra ano que vem.” (151.993). Rodrigo Constantino (1,5 milhão em 230 posts), Lucas Pavanato (1,5 milhão) e Joice Hasselmann (1,2 milhão) vieram em seguida; esta última com uma “declaração de voto” descrita como “uma das decisões mais difíceis que já tomei […] pela defesa da democracia” (193.691).

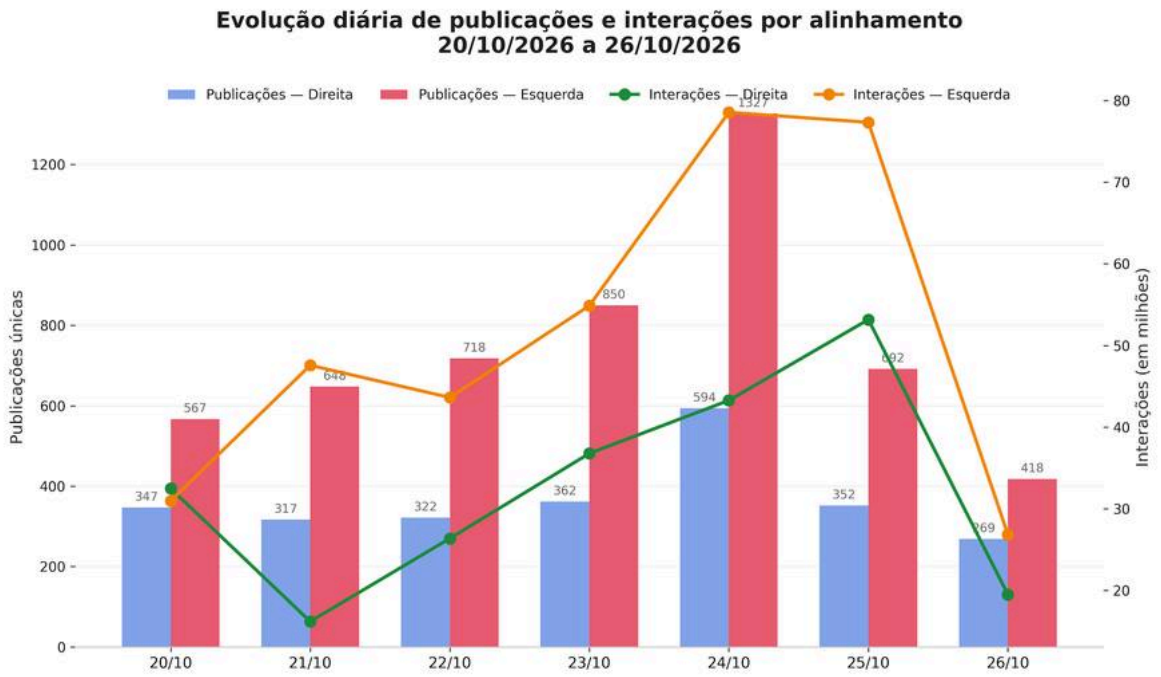


O Instagram concentrou 482.558.564 interações entre perfis de esquerda e de direita. A esquerda ficou com 61,6% e a direita com 38,4%. A direita ganhou 5,5 pontos percentuais em relação às duas semanas anteriores. A esquerda publicou mais de 2,5 vezes o volume da direita (2.242 posts contra 870), mas a direita teve média superior por publicação (212,8 mil interações contra 132,7 mil). Os comentários seguiram como marca da esquerda (13,2% das interações do campo), enquanto na direita representaram 6,7%. No campo da esquerda, Lula reuniu cerca de 57,4 milhões de interações — “Obrigado, povo brasileiro!” (5,50 milhões) — e o registro do último ato da campanha — “São Paulo foi tomada por mais de dois milhões de brasileiros e de brasileiras unidos em defesa do Brasil, da democracia e de um futuro com mais direitos e esperança” (3,31 milhões). André Janones somou cerca de 51,7 milhões em apenas 24 posts (média superior a 2 milhões) — “EXPLODE!!! SOMOS 10 MILHÕES DE LUIZES INACIOS LULAS DA SILVA!!!” (4,23 milhões, com mais de 1,2 milhão de comentários), “NOSSA ÚLTIMA MISSÃO!” (3,32 milhões) e “VIRAMOS!! 😭” (4,29 milhões). O PT (26,2 milhões) também se destacou com uma sequência de bandeiras do Brasil (4,18 milhões, 24/10). No campo da direita, Nikolas Ferreira obteve 70,0 milhões com só 17 publicações — “O Nordeste que foi esquecido.” (9,18 milhões, com 1,47 milhão de comentários), “Adeus, Lula.” (4,97 milhões) e “Fiz tudo que pude. Agora está em suas mãos, Senhor.” (4,89 milhões). Flávio Bolsonaro reuniu 31,7 milhões — “Peço que assista até o final e compartilhe.” (5,42 milhões) e “Última live! Fizemos nossa parte, agora é com você e Deus!” (2,41 milhões). Também chamou atenção o post de Neymar Jr. em apoio a Nikolas, “01 @nikolasferreiradm 🇧🇷” (4,91 milhões).



No TikTok, foram 43.570.231 interações entre os dois campos. A direita ficou na liderança, com 52,6%, contra 47,4% da esquerda, invertendo o resultado da semana anterior, quando a esquerda havia alcançado 58,4%. A esquerda publicou mais vídeos (534 contra 381), mas a direita obteve média maior por vídeo (60,1 mil interações contra 38,7 mil). O resultado da direita foi concentrado: Nikolas Ferreira respondeu sozinho por 57,5% das interações do campo na rede. A plataforma representou 7,4% de todo o volume analisado. No campo da esquerda, os perfis mais engajados foram Guilherme Cortez (6,9 milhões) e Erika Hilton (6,0 milhões). Erika Hilton teve o vídeo mais engajado do campo — “QUE EMOÇÃO! Tudo valeu a pena 🌟💗😭” (2,07 milhões, 25/10), e também “EXPLODAM: A censura está vindo de todos os lados! Ontem, o presidente Lula foi proibido de anunciar que Flávio Bolsonaro é advogado de um ASSASSINO DE CRIANÇA” (1,40 milhão). Natália Bonavides convocou para o debate — “Hoje tem show de @LulaOficial no #DebateGlobo e a gente vai EXPLODIR nossas redes sociais desmentindo o miliciano”, 1,37 milhão) —, e Guilherme Cortez respondeu diretamente a Nikolas — “O Nordeste que eles não querem que você conheça.” (812.700). No campo da direita, Nikolas Ferreira somou 13,2 milhões em 18 vídeos — “O Nordeste que foi esquecido.” (2,61 milhões), “Cansei de política…” (2,01 milhões, em que associou o número 11 da camisa de Neymar ao 22 de Flávio) e “Será que tem hoje? Veremos” (1,59 milhão). Após a votação, Kim Kataguiri se manifestou — “AS ELEIÇÕES PRECISAM SER ANULADAS!” (773.700) — argumentando que uma decisão do ministro Cristiano Zanin, que prorrogou a votação até as 19h apenas onde as urnas ainda estavam abertas, teria gerado insegurança sobre o processo. Lucas Pavanato (2,5 milhões) e Gustavo Gayer (1,5 milhão) completaram o grupo principal.

3.3 Publicação com interação por cada dia do período analisado



O gráfico apresenta as publicações únicas (barras) e as interações (linhas) para ambos os dois campos ao longo dos sete dias de coleta. Em 20/10, a linha verde (direita) ficou acima da laranja (esquerda), com 32,48 milhões contra 30,97 milhões, impulsionada pelo vídeo de Nikolas Ferreira sobre o Nordeste. A partir de 21/10, a esquerda retomou a liderança e cresceu até o pico de 24/10 (78,55 milhões), véspera da eleição, mantendo-se em patamar semelhante em 25/10 (77,33 milhões). A direita caiu para seu mínimo em 21/10 (16,19 milhões) e depois subiu de forma contínua até o pico de 25/10, dia da votação (53,17 milhões). Em 26/10, os dois campos recuaram (26,84 milhões na esquerda e 19,50 milhões na direita). As barras mostraram que a esquerda concentrou sua produção na véspera da eleição, com 1.327 publicações em 24/10, o maior volume diário do período. Já a direita teve o pico de interações em 25/10 com apenas 352 posts, o que resultou na maior média por publicação da semana (cerca de 151 mil interações por post). A distância entre os campos foi maior em 21/10 (a esquerda teve 2,9 vezes as interações da direita) e menor em 26/10 (1,4 vez), além do contato em 20/10.

Em 20/10, a direita liderou — “O Nordeste que foi esquecido.” (Nikolas, 9,18 milhões no Instagram e 2,61 milhões no TikTok) e “NINGUÉM CALA O NORDESTE” (Nikolas, 4,20 milhões) —, enquanto a esquerda teve como destaque uma publicação do Janones — “URGENTE! SOMOS 6 MILHÕES! EXPLODE!!!!!” (Janones, 2,81 milhões). O crescimento da esquerda nos dias seguintes foi puxado pelo crescimento do canal “Exército do Lula” — “CONVOCAÇÃO DO ALTO COMANDO DO EXÉRCITO DO LULA!” (Janones, 3,31 milhões, 21/10), “SOMOS 8 MILHÕES!” (22/10) e “EXPLODE!!! SOMOS 10 MILHÕES DE LUIZES INACIOS LULAS DA SILVA!!!” (4,23 milhões, 23/10). No pico de 24/10, destacaram-se o PT (bandeiras do Brasil, 4,18 milhões), Janones — “NOSSA ÚLTIMA MISSÃO!”, 3,32 milhões — e Lula, sobre o ato em São Paulo (3,31 milhões). Na direita, a véspera foi marcada pelo tom religioso — “Fiz tudo que pude. Agora está em suas mãos, Senhor.” (Nikolas, 4,89 milhões) e “Fizemos nossa parte, agora é com você e Deus!” (Flávio, 2,41 milhões). Em 25/10, o pico do campo da esquerda se explica por comemorações pela vitória de Lula; enquanto o pico da direita veio de mensagens de questionamento e expectativa — “Isso é urgente mesmo.” (Nikolas, 6,78 milhões), “Que tudo seja esclarecido. O Brasil não vai ceder.” (5,64 milhões) e “Mais um impeachment.” (Lucas Pavanato, 2,36 milhões).

A estratégia da direita foi publicar pouco, com peças de altíssimo alcance, enquanto a esquerda apostou em volume e em mobilização contínua. Nikolas respondeu por 41,8% de todas as interações da direita (95,1 milhões), por 57,5% do campo no TikTok e pelas três publicações mais engajadas do campo no Instagram. Os dois principais perfis somaram 57,2% da direita, contra 33,5% dos dois principais da esquerda (Lula e Janones).

O canal “Exército do Lula” e as convocações de André Janones estruturaram o engajamento da esquerda ao longo da semana, com metas públicas de crescimento (de 6 para 10 milhões de membros) e pedidos diretos de interação — “EXPLODE!”. O resultado aparece nos comentários: 13,2% das interações da esquerda no Instagram, contra 6,7% na direita, com posts que ultrapassaram 1 milhão de comentários. A esquerda atingiu o pico de publicações e interações na véspera da eleição (24/10) com foco em mobilizar o voto. A direita atingiu seu pico no dia da votação (25/10) e manteve forte engajamento em 26/10, com mensagens de questionamento do resultado e de oposição, o que indica que a disputa narrativa não terminou com a apuração.

3.4 Quadro de perfis mais ativos no período[1]

A Tabela 2 apresenta os perfis que tiveram maior número de publicações e interações no período, agregando as três redes sociais analisadas. Em relação ao número de conteúdos publicados, cinco perfis mais ativos são da esquerda e apenas um de direita (Rodrigo Constantino). Assim como nas duas semanas anteriores, o deputado psolista Guilherme Cortez foi o perfil que apareceu na liderança, seguido do influenciador Lázaro Rosa, do deputado petista Rogério Correia, do deputado federal do PSOL Rick Azevedo e do presidente Lula. Fechando o Top de perfis ativos, vem o jornalista Rodrigo Constantino, com a mesma métrica do presidente.

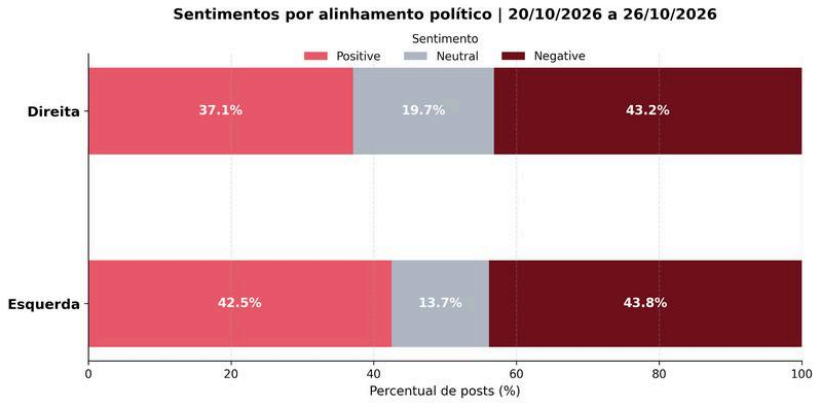
Mantendo o movimento de intensificação do debate online, as métricas dos perfis com maior interação registraram um aumento em relação às semanas anteriores. Nessa última semana, o deputado federal mineiro Nikolas Ferreira aparece como perfil com maior engajamento, seguido do presidente Lula, do deputado mineiro André Janones, do candidato Flávio Bolsonaro e fechando o Top 5, a primeira dama Janja.

Tabela 2. *Publicações e interações por perfis mais ativos — 13 a 19 de outubro de 2026*

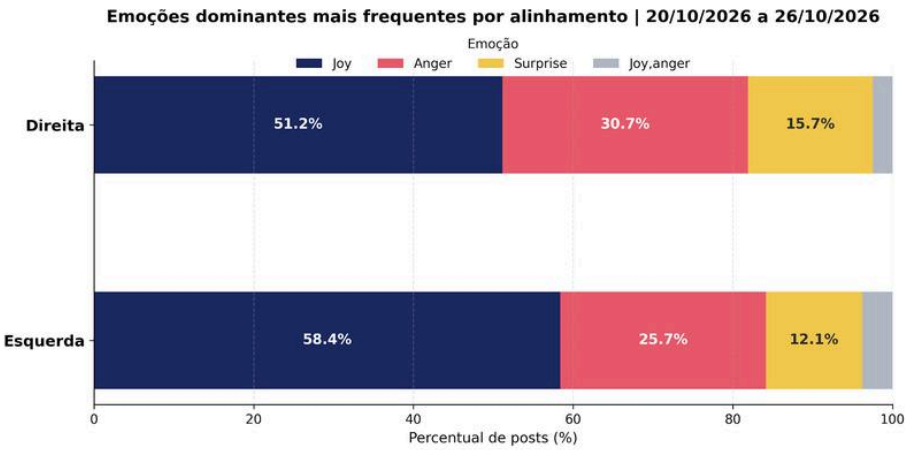
Perfis mais ativos (maior nº de publicações)	Publicações Únicas	Perfis com maior interações	Interações
@ Guilherme Cortez	378	@ Nikolas Ferreira	95.125.329
@ Lázaro Rosa	264	@ Lula	62.421.750
@ Rogério Correia	263	@ André Janones	57.937.070
@ Rick Azevedo	258	@ Flávio Bolsonaro	35.232.560
@ Lula / @ Rodrigo Constantino	251	@ Janja	28.448.711

[1] Estão agregadas as publicações e interações nas três plataformas.

3.5 Análise de Sentimentos e Emoções



O gráfico mostra a distribuição percentual das publicações de cada campo ideológico segundo o sentimento entre 20 e 26/10/2026. Foram consideradas as publicações com sentimento classificado: 2.537 da direita e 2.402 da esquerda. O sentimento negativo ficou praticamente empatado entre os campos (43,2% na direita e 43,8% na esquerda). A esquerda manteve maior proporção de posts positivos (42,5%, ou 1.021 posts, contra 37,1%, ou 942, na direita), enquanto a direita seguiu com mais conteúdo neutro (19,7%, contra 13,7%). Em relação à semana anterior, a direita foi o campo que mais mudou: reduziu os posts negativos (de 47,2% para 43,2%) e aumentou os positivos (de 34,5% para 37,1%). A série diária revelou que o dia da votação (25/10) foi o mais positivo para os dois campos (44,6% na direita e 46,3% na esquerda), mas, no dia seguinte, os caminhos se separaram: a direita registrou sua maior taxa de negatividade da semana (49,8%), enquanto a esquerda atingiu sua maior taxa de positividade (47,8%). Por plataforma, o X continuou sendo o ambiente mais negativo (48,3% na direita e 49,8% na esquerda).



O gráfico mostra a distribuição das quatro emoções dominantes mais frequentes na semana: alegria (joy), raiva (anger), surpresa (surprise) e a combinação alegria/raiva (joy, anger). Essas categorias cobriram cerca de 88% dos posts de cada campo (2.242 na direita e 2.125 na esquerda) e os percentuais foram calculados sobre esse conjunto. A alegria predominou nos dois lados, mas com distância maior do que na semana anterior: 58,4% na esquerda (1.241 posts) contra 51,2% na direita (1.147 posts). A direita manteve mais raiva (30,7%, contra 25,7%) e mais surpresa (15,7%, contra 12,1%), e a esquerda teve mais posts de alegria/raiva (3,8%, contra 2,5%).

Enquanto a distribuição da direita ficou praticamente estável em relação à semana anterior, a esquerda aumentou a alegria (de 55,7% para 58,4%) e reduziu a raiva (de 27,1% para 25,7%) e a surpresa (de 13,3% para 12,1%), o que refletiu o clima de mobilização final e de comemoração do resultado.

Os dois lados chegaram ao dia da votação com o pico de positividade da semana, mas reagiram de formas opostas ao resultado. Em 26/10, a esquerda teve 47,8% de posts positivos, com mensagens de agradecimento e unidade, enquanto a direita teve 49,8% de posts negativos, com questionamentos ao processo eleitoral e discursos de oposição. A emoção acompanhou esse movimento: a alegria respondeu por 60,4% das interações da esquerda na semana. Entre os posts de esquerda, os positivos tiveram média de 154,9 mil interações, acima dos neutros (144,6 mil) e dos negativos (126,4 mil). A combinação alegria/raiva teve a maior média do campo (198,4 mil por post), com as convocações do “Exército do Lula” — “URGENTE! LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA ESTÁ REELEITO PRESIDENTE DO BRASIL! EXPLODAM!” (Janones, 2,98 milhões(; “Bom dia, Exército do Lula! Hoje é dia! Vamos chegar a 10 milhões!” (Lula, 2,35 milhões).

Os posts positivos da direita tiveram média de 98,5 mil interações, acima dos negativos (91,3 mil) e bem acima dos neutros (63,2 mil). A surpresa teve a maior média do campo (98,7 mil por post), puxada pela série de Nikolas Ferreira sobre o Nordeste (“O Nordeste que foi esquecido.”, 9,18 milhões; “O Nordeste acordou - pra nunca mais dormir.”, 1,76 milhão) e pela crítica indireta a Lula (“O que os amigos do Lula acham sobre o… Lula?”, 3,81 milhões). Várias mensagens de questionamento do resultado foram classificadas como alegria ou como sentimento positivo — “Isso é urgente mesmo.” (Nikolas, 6,78 milhões, positivo) e “Que tudo seja esclarecido. O Brasil não vai ceder.” (Nikolas, 5,64 milhões, alegria). Isso reforça que textos curtos, cujo sentido depende de vídeo ou de contexto, são difíceis de classificar e que a alegria medida pelo modelo nem sempre corresponde à celebração.

4. ANÁLISE DE CONFLITOS POR PLATAFORMA

4.1 X (Twitter)

Na semana do segundo turno eleitoral, entre 20 e 26 de outubro de 2026, foram avaliadas as seguintes frentes de conflitos: 1) político, debate sobre a restrição de transporte público no dia das eleições; 2) desafio da quebra do sigilo bancário colocado por Lula ao final do debate da band; 3) moral, sobre boato associado a vida pessoal do candidato Flávio Bolsonaro; 4) pedido de apreensão do passaporte de Flávio Bolsonaro; 5) região Nordeste; 6) debate sobre censura nas plataformas; 7) o futuro pós-eleitoral.

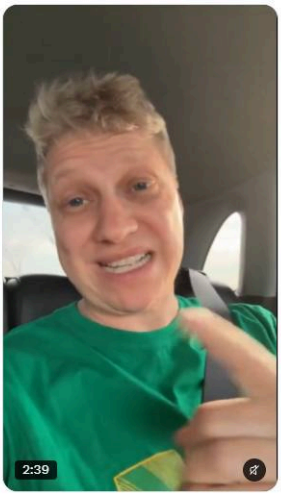
1. Tema: **Político**
Subtema(s): **Campanha eleitoral**
Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	

Marcel van Hattem
@marcelvanhattem

Show translation

Cristiano Zanin ACABA de dar um golpe nas eleições determinando votação por mais DUAS horas. Kassio Nunes do TSE terá de enquadrá-lo IMEDIATAMENTE!



5:49 PM · Oct 25, 2026 · **363.3K** Views

Lucas Pavanato
@lucaspavanato

Show translation

Vamos pedir a anulação das eleições.



11:11 PM · Oct 25, 2026 · **1M** Views

Jones Manoel
@jonesmanoel_PE

Mostrar tradução

Roteiro do golpe O bolsonarismo usou seu poder econômico para criar caos na eleição e impedir o direito ao voto. Agora começa uma onda de perfis bolsonaristas falando em "golpe". As Big Techs vão estimular os posts bolsonaristas e fortalecer um clima de violência nas ruas. Se confirmada a derrota de Flávio Bolsonaro, os Estados Unidos não aprovaram o resultado e falam em fraude.

17h54 · 25 de out. de 2026 · **1,7 milhão** Vistas

Guilherme Boulos
@GuilhermeBoulos

Show translation

🚨 VOTAÇÃO PRORROGADA ATÉ 19HS EM TODO O BRASIL!
Compartilha com todos que tiveram dificuldades de votar pelo golpe do transporte!



5:11 PM · Oct 25, 2026 · **140.2K** Views

No dia da eleição, se desencadeou um conflito entre os lados políticos, reagindo aos mesmos eventos com narrativas antagônicas em três conflitos específicos. O primeiro impasse foi em relação ao **acesso ao transporte público**. Perfis de esquerda denunciaram dificuldades de eleitores para chegar às seções em várias regiões do país, sobretudo em São Paulo e Salvador. Atribuíram a redução da frota de ônibus a gestores bolsonaristas, acusados de usar o poder político local para restringir o voto nas periferias. A direita inverteu a acusação. Alegou que os ônibus, especialmente no Nordeste, haviam sido adesivados com o número 13, que a Bahia é governada pelo PT e que tudo não passava de um "jogo combinado" para favorecer o candidato de esquerda.

O segundo conflito, decorrente do primeiro, foi a **prorrogação da votação até as 19h**. Os dois lados tensionaram a decisão por lógicas opostas. A esquerda defendeu a medida (consequência de pedidos em localidades específicas, tanto do PT quanto do PL) como reparação aos eleitores prejudicados, mas responsabilizou o TSE, na figura de Kassio Nunes, pela demora em decidir. Segundo esses perfis, o atraso gerou confusão, com urnas já encerradas e portões fechados. Já a direita tratou a prorrogação, determinada pelo ministro do STF, Cristiano Zanin, como interferência indevida no processo eleitoral. Também destacou que Zanin foi advogado de Lula, comparou o episódio à Venezuela e pediu seu impeachment, alegando que a decisão favorecia um dos lados.

A terceira parte da divergência se estabeleceu em torno da **disputa pelo termo "golpe"**. Para a esquerda, "golpe" seria o boicote ao transporte público, entendido como tentativa de suprimir votos. Para a direita, "golpe" seria a prorrogação da votação, entendida como manobra para alterar o resultado. Por fim, a última ancoragem do conflito sintetizou os anteriores, assim houve a contestação dos resultados e o pedido de anulação. Os bolsonaristas afirmaram que "11 milhões de votos a mais… qual a chance?", justificando que o resultado não seria aceito pela comunidade internacional, enquanto a esquerda reagiu afirmando que o resultado estaria na margem correta com Janones esclarecendo "era exatamente a conta que eu fiz".

2. Tema: Político

Subtema(s): Políticas Públicas

Enunciados centrais:

Direita	Esquerda
Carlos Bolsonaro @CarlosBolsonaro Show translation Então lula diz que abre mão de seu sigilo. Jamais se viu sujeito mais baixo e nojento que lula. Dia 25 é @FlavioBolsonaro 22, contra todo esse lodo que envolve o filho da organização.  8:50 AM · Oct 21, 2026 · **66.4K** Views	**Guilherme Boulos** @GuilhermeBoulos Show translation Chegando no TSE com o documento assinado pelo Presidente Lula para liberação total do sigilo HOJE! Vamos ver se Flávio Bolsonaro fará o mesmo. Aí o Brasil saberá quem é o ladrão!  11:02 AM · Oct 22, 2026 · **640.9K** Views
Nikolas Ferreira @nikolas_dm Show translation > Aceitaram as condições do Flávio da abertura do sigilo > Chegaram com papelada contendo "tudo" > Postaram como se tivessem entregado tudo > Equipe do Flávio pediu para checar > LULA NÃO ENTREGOU NADA > Assinaram uma nova ata para realmente entregarem tudo até 00:00 A CARA NÃO QUEIMA NÃO? KKKKKKKK  5:32 PM · Oct 22, 2026 · **1.2M** Views	**Lula** @LulaOficial Show translation Já apresentei o pedido para derrubar meu sigilo. Protocolamos pedido para liberar os dados dos meus filhos e da @JanjaLula também. Agora, o Brasil quer saber se Flávio Bolsonaro fará o mesmo.  2:35 PM · Oct 20, 2026 · **225.2K** Views

A estratégia discursiva de **quebra de sigilo bancário,** adotada pela campanha de Lula, provocou um contra-ataque do campo adversário. O desafio operava sob uma lógica de contraste moral. Ao expor-se voluntariamente ao escrutínio, o candidato petista buscava converter a eventual recusa do oponente em indício de culpa. Mobilizada no debate televisivo e nas plataformas digitais, por meio das hashtags #AbreOSigiloFlávio e #LulaAbriuOSigiloFlavioArregou, essa lógica foi sintetizada por perfis como os de Guilherme Boulos e Sâmia Bomfim na fórmula de que, a partir dos dados, "o Brasil saberia quem é o ladrão". O campo de esquerda enquadrou a não adesão de Flávio Bolsonaro como confissão implícita. Para isso, recorreu a expressões de apelo popular, como "quem não deve não teme" e "Flávio arregou". Com elas, deslocou o conflito do conteúdo dos dados para a disposição de cada candidato em submeter-se à transparência. Nesse enquadramento, a recusa do adversário bastava como evidência, independentemente do que a quebra de sigilo viesse a revelar.

O campo da direita bolsonarista, por sua vez, articulou uma estratégia de contestação em três dimensões. A primeira consistiu em negar a materialidade do gesto adversário. Figuras importantes desta força sustentaram que Lula "não entregou nada" e que tudo não passaria da " **maior fake news do Lula**". Outros atores direitistas argumentaram que eventuais irregularidades não seriam detectáveis no sigilo bancário, sob a premissa, ancorada na frase atribuída a Daniel Vorcaro ("o do Lula é por fora"), de que recursos ilícitos não transitariam pelas contas do titular. Além disso, a terceira dimensão operou por deslocamento do objeto da controvérsia. A cobrança foi redirecionada ao cartão corporativo da Presidência, sintetizada no bordão "LULA ABRA O CARTÃO", aos negócios de Fábio Luís Lula da Silva (filho de Lula) e aos sigilos centenários decretados pelo governo. Na mesma linha, outros direitistas ainda escreveram que Flávio Bolsonaro "não deveria seguir ordens de Lulinha", recusando a legitimidade do próprio desafio.

O campo de esquerda antecipou essa dinâmica de deslocamento em registro satírico. Assim, descreveram uma sequência de exigências sempre renovadas pelos bolsonaristas, que passava do sigilo de Lula ao de sua família e, depois, ao cartão corporativo, sem que o candidato adversário jamais se submetesse à mesma medida. A ironia funcionou como estratégia de **neutralização preventiva**. Ela enquadrava de antemão as objeções da direita bolsonarista como evasivas destinadas a adiar indefinidamente o desfecho da disputa.

3. Tema: Moral

Subtema(s): Boato

Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	

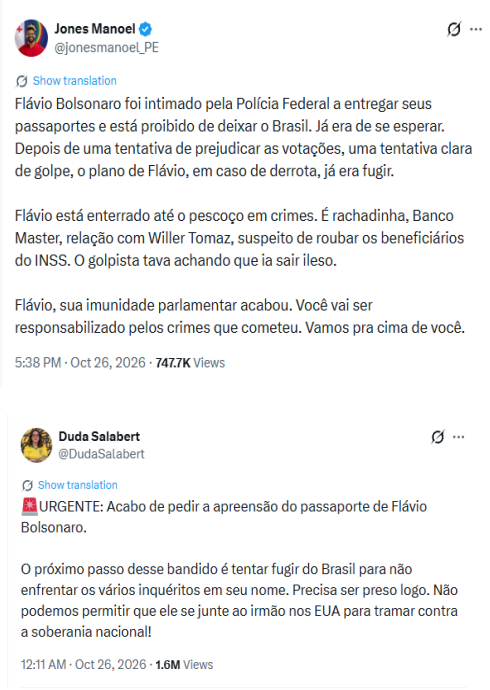


A guerra retórica entre os dois campos ideológicos encontrou oportunidades nos escândalos de natureza moral. A esquerda construiu uma narrativa serializada em torno da hashtag #QuemEMarianaFlavio, baseada na lógica do suspense. Em vez de apresentar uma denúncia acabada, anunciava revelações iminentes e mantinha a audiência mobilizada pela expectativa. A essa estratégia somaram-se a repercussão de reportagens sobre a conduta privada de Flávio Bolsonaro e insinuações de cunho sexual. O objetivo era associar o candidato a comportamentos incompatíveis com os valores familiares e religiosos que o bolsonarismo reivindica como identidade. A direita respondeu com o espelhamento paródico. Apropriou-se da fórmula adversária com a pergunta “Quem é Leandra?” e com a hashtag #VaiProDebateLeandra, devolvendo a insinuação ao seu autor e esvaziando o efeito de suspense. Além disso, recorreu à ridicularização das provas apresentadas, deslocando a discussão da gravidade da acusação para a credibilidade de quem a mantinha.

4. Tema: **Político**

Subtema(s): **Outros (político)**

Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	

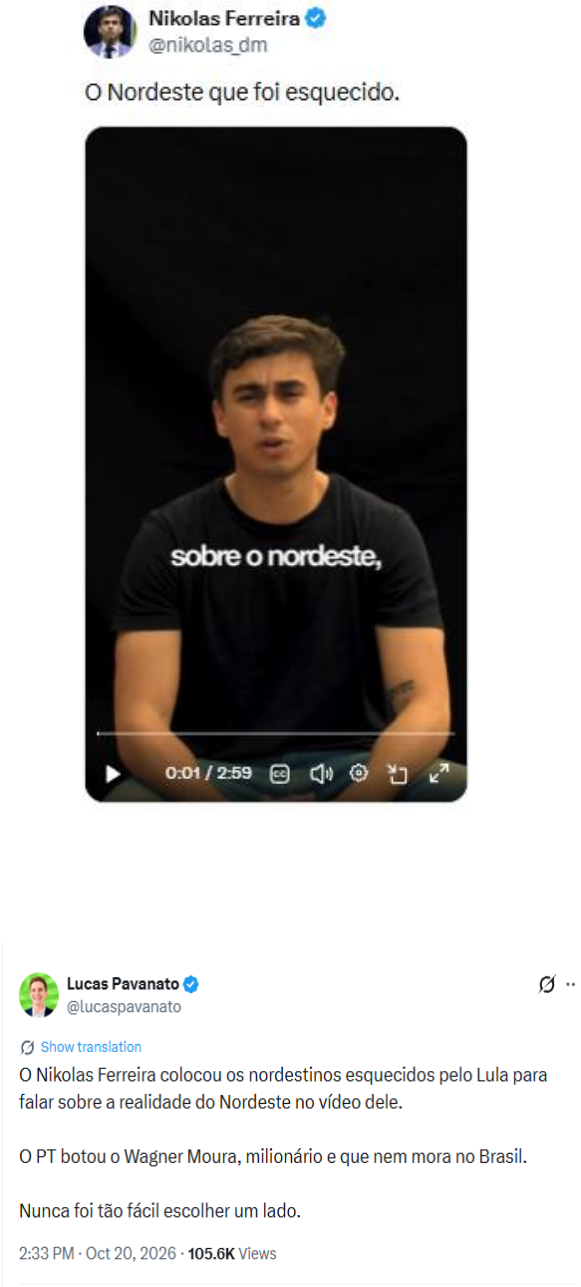
Após o resultado das eleições de 2026, o clima de instabilidade política não se dissipou, e a controvérsia em torno do pedido de apreensão do **passaporte de Flávio Bolsonaro** feito pela PF, autorizado por Alexandre de Moraes, tornou-se um novo eixo de confronto entre os dois campos. A esquerda enquadrou o episódio sob a narrativa de (des)cumprimento com a Justiça. Ao pedir a apreensão do documento e repercutir a proibição de saída do país, apresentou a derrota eleitoral como o fim da proteção conferida pelo foro privilegiado. A eventual fuga foi tratada como desfecho previsível de quem, segundo esse enquadramento, acumulava pendências judiciais e teria tentado prejudicar o processo eleitoral. A narrativa convertia, assim, a derrota nas urnas em antecipação de uma derrota nos tribunais, associado ao envolvimento do candidato com ações criminosas de lavagem de dinheiro.

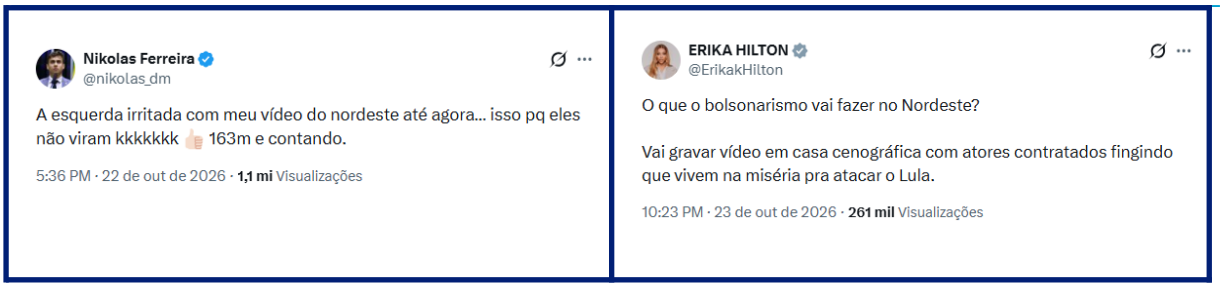
A direita bolsonarista respondeu usando o critério de vitimização. Expressões como “a perseguição já começou” e “começou a vingança” deslocaram o foco das acusações para a suposta conduta revanchista do campo vencedor. As medidas judiciais deixaram de ser apresentadas como consequência de investigações e passaram a ser descritas como retaliação política contra o líder de um movimento derrotado.

5. Tema: Político

Subtema(s): Campanha eleitoral

Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	



No centro dos debates esteve a região Nordeste do Brasil. A partir de um vídeo produzido por Nicolas Ferreira, um grande conflito foi travado e esquerda e direita disputam quem teria a legítima versão sobre a realidade da região. O vídeo, que parece ter sido uma resposta às grandes manifestações de rua que a esquerda puxou em cidades do Brasil, muitas nordestinas, gerou inicialmente tensões sobre a veracidade de sua representação acerca do Nordeste. A direita colocava que o PT havia esquecido a região e que seria um local de pobreza extrema, falta de recursos e sem acesso aos direitos sociais básicos. Do outro lado, os perfis da esquerda argumentaram que um sudestino, Nikolas, estaria fazendo uma representação caricatural e enviesada do Nordeste, com o objetivo de manipular a opinião pública. A esquerda ainda trouxe para o debate informações de que alguns dos personagens filmados não seriam pobres e que o vídeo teria sido fabricado artificialmente, assim como buscou demonstrar que a população da região apoia Lula, com imagens de manifestações de apoiadores nas cidades nordestinas.

6. Tema: **Político**

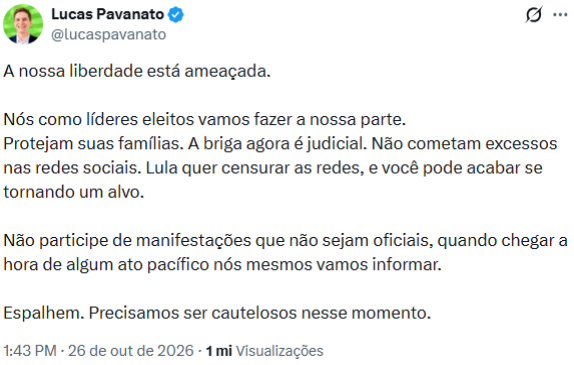
Subtema(s): **Campanha eleitoral**

Enunciados centrais:

Esquerda lulista



Direita bolsonarista



O debate sobre quem seria a vítima de censura nas eleições, perpassou também pela semana do segundo turno. Por um lado, a esquerda vocaliza que estaria sendo censurada pelo TSE e pelas plataformas sociodigitais, conflito já registrado na semana anterior. O TSE porque havia tirado do ar o grupo de *whatsapp* "Exército do Janones" e as plataformas por restringir conteúdos da esquerda, com diversas denúncias de contas bloqueadas, dificuldades para compartilhamento, entre outras irregularidades relatadas pela militância de esquerda. Por sua vez, a direita retomou o discurso de defesa da liberdade de expressão, afirmando que Lula seria essa figura que, ao falar de regulação para as plataformas, estaria propondo a censura da direita.

4.2 Instagram

Entre 20 e 26 de outubro, período que compreende a reta final e a realização do segundo turno, os conflitos de maior repercussão no Instagram apresentaram uma configuração distinta das semanas anteriores. A direita manteve uma comunicação fortemente orientada ao adversário, mobilizando ataques a Lula e, após a votação, discursos contraditórios sobre a legitimidade do próprio processo eleitoral. Na esquerda, por outro lado, ganharam centralidade conteúdos de mobilização do próprio campo, especialmente em torno do "Exército do Lula", de manifestações, convocações ao voto e, posteriormente, da celebração da vitória. A redução das respostas ao conteúdo adversário não significou ausência de antagonismo, mas uma mudança na forma de produzi-lo pois em diversos casos, o "eles" continuou presente, porém subordinado à construção e ativação do "nós".

Como característica transversal da Semana 12, observa-se uma diferença importante na forma como os campos organizaram a comunicação na reta final. A direita manteve elevada presença de conteúdos diretamente orientados a Lula, ao PT e às instituições, enquanto parte expressiva dos conteúdos de maior repercussão da esquerda esteve voltada à mobilização de sua própria rede. O "Exército do Lula", as orientações de Janones, as lives, atos públicos e chamadas coordenadas para impulsionamento mostram uma estratégia de ativação do "nós" que coexistiu com respostas seletivas ao adversário. Dessa forma, a redução da interação com determinados conteúdos da direita não correspondeu ao desaparecimento do antagonismo, mas a uma comunicação em que o campo lulista passou a selecionar quais disputas responder diretamente e quais evitar amplificar. A partir dos conteúdos analisados, destacaram-se cinco eixos: 1) A segurança pública; 2) A representação política do Nordeste; 3) A disputa pela verdade e pela credibilidade na reta final; 4) A disputa pela legitimidade da eleição; 5) uma ruptura interna à própria direita em torno da candidatura de Flávio Bolsonaro.

1. Tema: **Político**

Subtema(s): **Políticas Públicas**

Enunciados centrais:

Direita Bolsonarista	Esquerda lulista
	

A segurança pública foi mobilizada pelos dois campos para construir concepções distintas sobre quem deveria ser protegido pelo Estado e quais seriam os riscos produzidos pelo projeto adversário. Na direita, Flávio Bolsonaro utiliza a discussão sobre a "saidinha" e uma fala de Lula durante o debate – quando o presidente se atrapalha e menciona "acabar com a polícia" – para reforçar uma fronteira recorrente entre o cidadão honesto e uma esquerda apresentada como tolerante com criminosos e hostil às forças policiais. A operação procura fazer com que uma declaração específica confirme uma identidade política previamente construída sobre como Lula não estaria apenas equivocado em determinada política, mas representaria um campo que colocaria os direitos dos criminosos acima da segurança da população. Nesse discurso, o "nós" reúne policiais, vítimas e cidadãos que cumpririam as regras e desejariam ordem, enquanto o "eles" é constituído por Lula e pela esquerda, associados ao enfraquecimento da autoridade e à permissividade diante do crime. A segurança deixa, assim, de aparecer apenas como questão de eficiência das políticas públicas e assume um sentido moral.

O campo lulista produz outra fronteira a partir do caso de Ana Clara, menina de cinco anos morta por um disparo de fuzil. Ao recuperar a participação de Flávio Bolsonaro na defesa do policial acusado, o PT desloca a pergunta sobre segurança: o problema deixa de ser apenas punir criminosos e passa a envolver também quem protege a população da violência praticada por agentes do próprio Estado. O "nós" reúne vítimas, familiares e quem reivindica responsabilização; o "eles" passa a representar uma política de segurança em que a defesa irrestrita da atuação policial poderia colocar inocentes em risco.

A disputa, portanto, não ocorre apenas sobre ser "a favor" ou "contra" a polícia. Os dois campos reivindicam para si a proteção da população, mas definem ameaças distintas. Para Flávio, o risco está na leniência com o crime e no enfraquecimento da polícia; para o campo lulista, está também numa política de segurança que poderia produzir violência sem responsabilização.

2. Tema: **Político**

Subtema(s): **Campanha eleitoral**

Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	

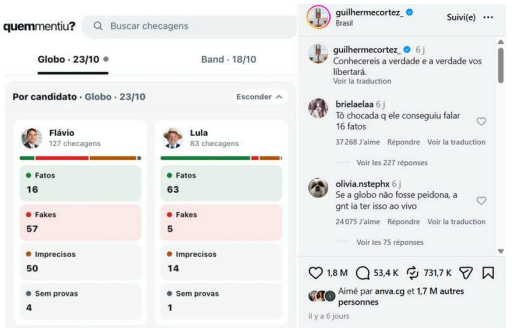
O Nordeste se transforma em objeto explícito de disputa quando Nikolas Ferreira procura romper a identificação entre a região e o campo lulista. No vídeo “O Nordeste que foi esquecido”, o parlamentar coloca moradores da região para relatar dificuldades relacionadas à renda, aos medicamentos, à segurança e ao custo de vida. A escolha de reduzir sua própria presença e privilegiar esses depoimentos procura construir a narrativa de que não seria Nikolas quem estaria criticando Lula, mas o próprio Nordeste falando por si. A operação discursiva é importante porque tenta retirar do PT a posição de representante construída historicamente na região. O “eles” é constituído pelo lulismo, apresentado como um campo que reivindicaria eleitoralmente o Nordeste enquanto não resolveria substantivamente os problemas de seus moradores; o “nós” passa a incorporar os nordestinos insatisfeitos que estariam percebendo essa contradição. Em outros conteúdos, Nikolas sintetiza esse processo na afirmação de que o “Nordeste acordou”, produzindo uma temporalidade em que a adesão ao PT pertence ao passado e o apoio à direita representaria tomada de consciência e mudança. Nesse sentido, a direita bolsonarista cria uma separação do nordeste em dois: aqueles que já perceberam que o PT governa o nordeste pelas mentiras e falácia e passaram a progredir substantivamente; contra aqueles que ainda acreditam no PT e sofrem com a insegurança, desemprego e falta de acesso à saúde.

Gil do Vigor, como um representante da região, responde diretamente a esse enquadramento reivindicando para os próprios nordestinos o direito de definir a experiência e os interesses da região. O conflito deixa, então, de ser apenas Lula versus Flávio e passa a envolver quem possui legitimidade para falar em nome do Nordeste. Na narrativa de Gil, são justamente atores externos à experiência regional que apareceriam no período eleitoral para instrumentalizar suas dificuldades e construir uma imagem conveniente da população nordestina. Logo, no âmbito mais geral, o conflito promovido pela esquerda é centralizado em quem pode falar em nome do “outro”.

3. Tema: Político

Subtema(s): Campanha eleitoral

Enunciados centrais:

Direita Bolsonarista	Esquerda lulista
	

A proximidade do segundo turno intensificou uma disputa não apenas sobre propostas, mas sobre quem poderia ocupar a posição de fonte confiável de informação. Flávio Bolsonaro procura apresentar Lula e seus aliados como produtores de narrativas falsas sobre sua família e sobre o governo Jair Bolsonaro. Conteúdos relacionados à pandemia, à criação do SUS e a outras declarações do debate são utilizados para sustentar a imagem de que Lula e setores da imprensa distorceram fatos históricos de acordo com os interesses da campanha. A operação procura deslocar diferentes controvérsias para uma mesma questão de credibilidade. Mais importante que demonstrar cada divergência isoladamente é produzir uma identidade para o adversário: Lula apareceria como alguém que mentiria sobre o passado porque não poderia defender seu próprio governo no presente. O "nós" seria formado pelo eleitor capaz de comparar fatos e realidade; o "eles", por uma campanha que dependeria de manipulação, imprensa favorável e acusações falsas.

Na esquerda, a reação também se organiza explicitamente em torno da produção da verdade. Lula afirma que os ataques de Flávio não ficariam sem resposta e promete enfrentar acusações com fatos. Guilherme Cortez divulgou uma comparação entre afirmações classificadas como verdadeiras e falsas durante o debate, enquanto Eduardo Moreira se apresenta como responsável por realizar a checagem que Flávio não teria aceitado que fosse feita pela Globo. A disputa sobre a abertura de sigilos amplia ainda mais essa fronteira: Lula e Boulos transformam a transparência financeira em teste de confiabilidade e procuram colocar Flávio na posição de quem exige explicações dos adversários, mas resistiria ao mesmo escrutínio.

A pandemia também reaparece dentro desse conflito como uma disputa pela memória legítima do passado. Enquanto a direita procura contestar a interpretação sobre a atuação de Jair Bolsonaro, Lula recupera mortes, defesa da ciência e falas do ex-presidente para sustentar que aquela experiência não deveria ser esquecida na escolha entre os dois projetos políticos. Assim, verdade, memória e credibilidade tornam-se partes de uma mesma fronteira: cada campo tenta convencer o eleitor de que possui fatos e provas, enquanto o adversário dependeria de mentira ou apagamento seletivo da realidade.

4. Tema: **Político**

Subtema(s): **Campanha eleitoral**

Enunciados centrais:

Direita bolsonarista	Esquerda lulista
	

No dia da votação, a controvérsia sobre a ampliação do horário em determinados locais produziu um conflito direto sobre o que significava garantir uma eleição legítima. No campo lulista, a circulação de relatos sobre redução ou retirada de ônibus e dificuldades de deslocamento em regiões eleitoralmente favoráveis a Lula é apresentada como tentativa de impedir cidadãos de exercer o direito ao voto. Lula afirma que uma situação desse tipo não teria ocorrido nas eleições anteriores e defende a prorrogação como forma de permitir que essas pessoas chegassem às urnas. Nesse enquadramento, a legitimidade eleitoral depende de garantir participação. O “nós” é composto por eleitores que querem exercer seu direito e por aqueles que defendem que ninguém seja impedido de votar; o “eles” é construído a partir de atores que estariam utilizando estruturas públicas, privadas ou administrativas para dificultar o comparecimento de determinados grupos às urnas.

A direita produz a interpretação inversa e algumas vezes contraditória, ainda que a própria campanha de Flávio Bolsonaro também tivesse solicitado a prorrogação da votação em localidades afetadas por condições climáticas adversas. A diferença está no sentido atribuído posteriormente à decisão de Cristiano Zanin que ampliou o horário de votação de maneira mais abrangente. Nikolas Ferreira passa a apresentar essa extensão como uma mudança das regras durante o próprio jogo e levanta suspeitas de que a medida poderia beneficiar Lula. Lucas Pavanato menciona impeachment, Pablo Marçal fala em “cheiro de golpe” e Kim Kataguiri chega a defender a anulação do pleito. Depois da divulgação do resultado, Nikolas retoma o episódio para questionar a própria legitimidade política da vitória de Lula. A disputa é especialmente relevante porque a prorrogação, inicialmente reivindicada pelos dois campos diante de dificuldades distintas para a votação, é posteriormente ressignificada por parte da direita como evidência de interferência institucional favorável ao adversário.

Todavia, alguns agentes da direita como Pablo Marçal e André Fernandes, antes da apuração, focaram em dizer que a esquerda estaria construindo uma narrativa para questionar a legitimidade das eleições. Pablo retoma a frase do Ministro Barroso “eleição não se ganha, se toma” para afirmar que já existiria um golpe da esquerda para deslegitimar o resultado de vitória para Flávio Bolsonaro.

O ponto central é que ambos os campos reivindicam defender o voto popular, mas localizam a ameaça em momentos opostos do processo. Para a esquerda, adulterar uma eleição significa impedir as pessoas de votar; para a direita, significa alterar as condições da votação depois que ela já havia começado. A soberania popular é, portanto, reivindicada pelos dois lados justamente para sustentar interpretações antagônicas sobre a atuação das instituições.

5. Tema: **Político**

Subtema(s): **Campanha eleitoral**

Enunciados centrais:

Direita não bolsonarista	Direita Bolsonarista
	

O segundo turno também expõe uma ruptura importante dentro do próprio campo da direita. Enquanto Flávio Bolsonaro procura apresentar sua candidatura como expressão do patriotismo, da mudança e da própria representação política da direita, Joice Hasselmann, que construiu parte de sua trajetória política ligada ao bolsonarismo, abandona explicitamente a posição de neutralidade e passa a defender sua derrota. Essa origem política é central para o conflito porque permite que sua crítica seja formulada não a partir de uma identidade de esquerda, mas como uma disputa sobre os limites da própria identidade de direita diante da família Bolsonaro.

Ao justificar o voto contra Flávio, Joice procura separar conservadorismo e bolsonarismo. O “nós” deixa de ser simplesmente a esquerda ou o lulismo e passa a reunir pessoas de diferentes posições ideológicas que aceitariam determinados limites democráticos. O “eles” é constituído pela família Bolsonaro e por um projeto político apresentado como incapaz de respeitar esses limites. Assim, a escolha eleitoral é deslocada da oposição esquerda-direita para outra fronteira: democracia versus continuidade do bolsonarismo.Essa disputa também aparece quando Joice afirma que Flávio teria preparado uma possível saída do país caso fosse derrotado. Independentemente da veracidade da acusação, a operação discursiva procura atacar valores centrais da identidade bolsonarista, especialmente coragem e patriotismo. O candidato que pede ao eleitor que permaneça no país para “salvá-lo” é apresentado como alguém que poderia abandoná-lo diante de dificuldades pessoais ou judiciais.

O conflito revela, portanto, que a polarização do segundo turno não produziu uma completa homogeneização dos campos. Joice reivindica a possibilidade de permanecer à direita e, simultaneamente, rejeitar o bolsonarismo, deslocando a fronteira da disputa de esquerda versus direita para democracia versus bolsonarismo. Essa operação encontra eco, ainda que fora do núcleo mais engajado da amostra, em conteúdos do campo lulista que também procuram apresentar a eleição como algo maior que a oposição convencional entre esquerda e direita.

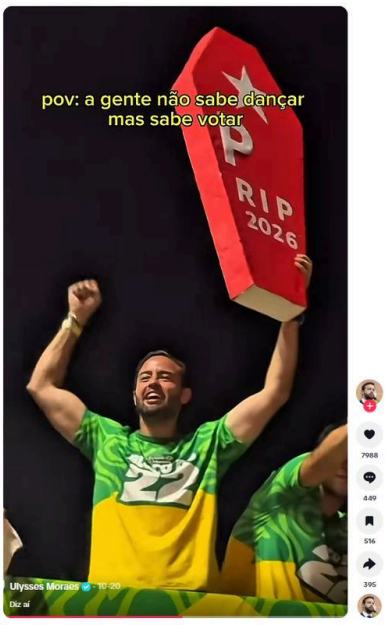
4.3 TikTok

Na última semana de análise foram mapeados quatro eixos principais de conflito no TikTok, sendo eles: 1) Político, com foco na campanha e na mobilização dos eleitores; 2) Político, com foco nas relações institucionais, sendo mobilizado o discurso de contestação da eleição; 3) Moral, com uma variedade de temas envolvendo os escândalos políticos já mobilizados em vários momentos da campanha; 4) Político, com foco nas políticas públicas e sociais construídas por cada governo.

1. Tema: Político

Subtema(s): Campanha eleitoral

Enunciados centrais:

Esquerda lulista	Direita bolsonarista
	

Na última semana os conteúdos revelam uma disputa que vai além da escolha eleitoral: cada campo procura se apresentar como representante legítimo do povo, da verdade e do futuro do país, enquanto desqualifica o adversário. Natália Bonavides (PT/RN) aposta no clima de festa e nos hits que circulam entre os jovens para ampliar o engajamento e ampliar a identificação coletiva. Essa mobilização também estabelece um antagonismo moral: o campo lulista se apresenta como portador da verdade, enquanto a direita bolsonarista é associada à mentira e à desinformação. Ulysses Moraes (Podemos-MT), também utiliza hits para

mobilizar afetos, mas em sentido oposto: apresenta a direita como defensora da liberdade e da integridade moral, enquanto associa o PT à corrupção e à degradação da sociedade.

André Janones (Rede/MG) disputa os símbolos nacionais com a estratégia de reivindicar o patriotismo e a soberania nacional, contrapondo o compromisso de Lula com o Brasil frente ao entreguismo da direita bolsonarista aos EUA. O Influencer Lázaro Rosa investe na denúncia de corrupção e na oposição entre privilégios e desigualdade social. Ao contrastar Flávio Bolsonaro - que nasceu cercado de privilégios - a periferia que precisa lutar diariamente para garantir condições básicas de vida.

Nikolas Ferreira (PL-MG) concentra no ataque ao PT e ao seu governo de abandono, com destaque para o Nordeste, representado por ele como uma região pobre, atrasada e precária graças a Lula e posiciona Flávio como o salvador deste povo. Ao lado disso, sua participação em vídeo com Neymar tenta acrescentar à campanha mais alcance e o reconhecimento público de uma celebridade.

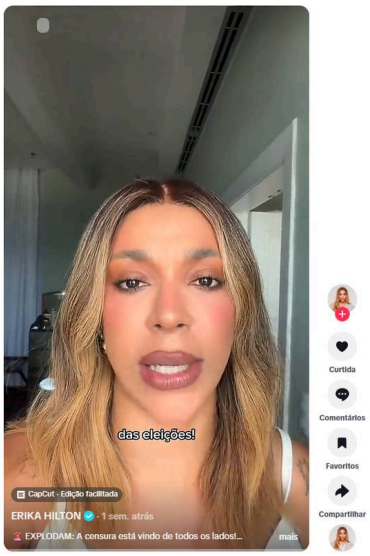
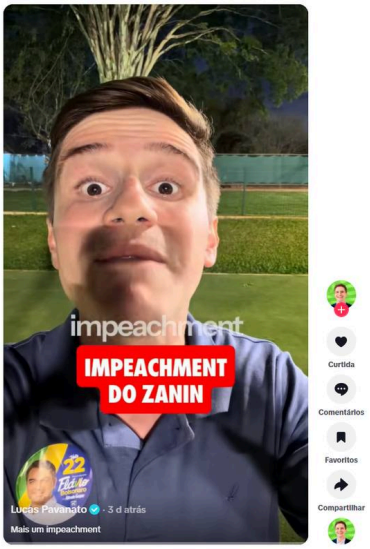
Guilherme Cortez (PSOL-SP) responde a essa narrativa contestando a representação do Nordeste e classificando o vídeo de Nikolas como uma abordagem enganosa e violenta. Ele também mobiliza a esperança ao destacar manifestações nacionais contra o discurso de ódio e a violência da direita bolsonarista. Em outro conteúdo, expõe a contradição de Lucas Pavanato (PL-SP), que já havia denunciado crimes atribuídos a Jair Bolsonaro (PL), mas agora apoia Flávio Bolsonaro (PL).

Renan Santos, do Missão, acrescenta outra dimensão à disputa ao diferenciar sua posição da direita bolsonarista. Embora reconheça a vitória de Lula, classifica seu governo como “fraco” e atribui o resultado eleitoral também à arrogância dos adversários. Sua interpretação da ascensão bolsonarista em 2018 enfatiza a apropriação do antipetismo e dos sentimentos mobilizados pela Lava Jato e pela prisão de Lula. Renan procura romper a identificação automática entre oposição ao lulismo e apoio à família Bolsonaro. Sua crítica às dancinhas e aos vídeos de “lacração" busca desqualificar a direita bolsonarista como insuficiente, sem projeto e reivindicar para o Partido Missão a representação de uma direita programática, capaz de apresentar um projeto próprio de país.

2. Tema: Político

Subtema(s): Relações Institucionais

Enunciados centrais:

Esquerda lulista	Direita bolsonarista
	

Um eixo predominante foi identificado na disputa em torno dos resultados do 2º turno das eleições presidenciais de 2026: a decisão do ministro do STF Cristiano Zanin sobre a ampliação do horário de votação. De modo geral, observa-se que a disputa pelos resultados eleitorais se transforma em uma disputa pela legitimidade da própria ordem democrática. O campo da Extrema Direita se articula em torno da oposição entre o povo e um sistema político-institucional apresentado como responsável pela derrota eleitoral; já a Esquerda trabalha com a responsabilização do adversário, as denúncias de interferência das plataformas e a defesa da mobilização política.

No campo da direita não bolsonarista, Kim Kataguiri (missão) defende a anulação do segundo turno, independentemente do vencedor, associando a falta de confiança no processo eleitoral à possibilidade de revolta e violência. A anulação é apresentada como condição necessária para a pacificação do país. Já no campo da Extrema Direita bolsonarista, observa-se maior convergência em torno de uma narrativa de golpe, perseguição política e ilegitimidade eleitoral. Nikolas Ferreira (PL) enfatiza o vínculo anterior de Zanin com Lula para deslegitimar sua decisão e atribui à esquerda práticas de violência e vandalismo, sustentando

que haveria uma construção antecipada da narrativa de golpe. Opera-se, assim, uma inversão da acusação de golpismo, na qual aqueles que denunciam ameaças à democracia são apresentados como seus verdadeiros responsáveis.

Essa mesma fronteira aparece nas publicações de Gustavo Gayer (PL), que repercute um pronunciamento de Flávio Bolsonaro (PL), no qual o candidato apresenta sua campanha, caracterizada como limpa, propositiva e apoiada pelo povo e afirma "não fui eu que perdi, foi o sistema que ganhou". Reforçando esse antagonismo se apresenta como o último obstáculo à implementação de um projeto de destruição nacional pelo PT, associando o adversário à barbárie, ameaça econômica e à liberdade. Pavanato (PL) radicaliza esse enquadramento ao defender o impeachment de Zanin e caracterizando sua decisão como um golpe.

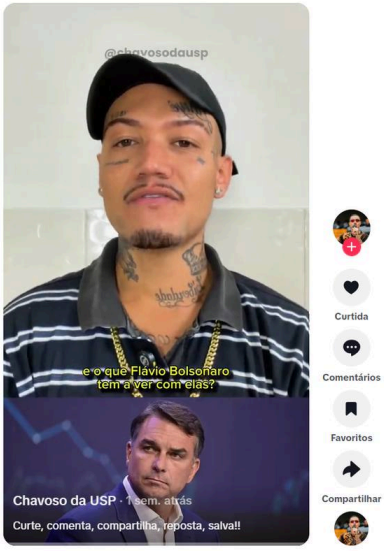
Uma dimensão moral e religiosa desse antagonismo aparece nas publicações de Ulysses Moraes (Podemos), que utiliza a referência bíblica à escolha de Barrabás para associar os adversários políticos à criminalidade, à improdutividade e ao desrespeito à fé. Em oposição, seu campo é apresentado como composto por trabalhadores, contribuintes e defensores da democracia e da liberdade. A fronteira política assume, assim, uma dimensão moralizante, na qual o adversário representa uma ameaça aos valores que definiriam a comunidade nacional.

No campo da esquerda as publicações apresentam repertórios mais diversificados, articulados em torno da responsabilização do bolsonarismo e da mobilização política. A influenciadora Nataly Neri enfatiza denúncias de censura e manipulação das plataformas digitais, mencionando tentativas de derrubada do canal de Janones e a atuação da Meta, ao mesmo tempo que convoca à mobilização coletiva. Flávio Porchat, por sua vez, utiliza o humor e a ironia para abordar a derrota de Flávio Bolsonaro e associar sua família a acusações de corrupção, tensionando a imagem da família tradicional brasileira. Já Erika Hilton (PSOL) mobiliza um sentido de urgência para estimular o engajamento da militância, destacando os riscos de impunidade caso Flávio Bolsonaro chegasse à Presidência e denunciando supostas interferências da Meta e restrições à mobilização da Esquerda Lulista.

3. Tema: Moral

Subtema(s): Escândalo Político

Enunciados centrais:

Esquerda lulista	Esquerda não-lulista
	

Observa-se que a fronteira antagônica se constitui não apenas em torno de projetos distintos de segurança pública, mas também de oposições entre justiça e impunidade, memória e esquecimento, proteção da vida e abuso de poder. Nesse cenário, destaca-se a predominância de discursos da esquerda que buscam deslocar para o bolsonarismo as acusações relacionadas à criminalidade e à corrupção.

Na direita bolsonarista, Nikolas Ferreira (PL) reage à fala de Lula sobre segurança pública durante o debate presidencial e ironiza sugerindo que ele defende o tráfico, a pedofilia e o crime organizado. Nesse enquadramento, a fronteira antagônica é construída entre aqueles que defendem a segurança pública e um adversário associado à permissividade diante da criminalidade. No campo da esquerda, por sua vez, observa-se uma articulação mais ampla entre criminalidade, milícias e responsabilização política de Flávio Bolsonaro. O influenciador Chavoso da USP produz conteúdos explicativos sobre o funcionamento e a ilegalidade das milícias, associando o candidato a esses grupos a partir de sua trajetória política no Rio de

Janeiro. Em suas publicações, apresenta acusações de homenagens, proteção política e destinação de recursos a milicianos, caracterizando a família Bolsonaro como uma organização mafiosa. Também contesta a associação feita pelo candidato entre Lula e o voto de pessoas privadas de liberdade, contrapondo a alegação de que aproximadamente 90% das áreas dominadas por milícias votariam em Flávio Bolsonaro. A estratégia discursiva consiste em deslocar a acusação de proximidade com a criminalidade para o próprio campo bolsonarista.

A responsabilização também assume uma dimensão moral e humanitária nas publicações sobre o assassinato de Ana Clara. Em entrevista feita por Freixo (PT) com Cris, mãe da vítima, a denúncia é construída a partir da oposição entre justiça e impunidade. Ao afirmar que "não é sobre política, é sobre humanidade", Cris reivindica o julgamento do caso e acusa Flávio Bolsonaro de utilizar seu poder político para impedir sua responsabilização. Freixo reforça que Cris representa mães, mulheres e um Brasil livre da milícia.

Outro eixo de responsabilização recupera a memória da pandemia de Covid-19 por Tábata Amaral (PSB). As publicações contrapõem acusações sobre a conduta de Flávio Bolsonaro durante a crise sanitária às investigações da CPI e às denúncias de negligência governamental. A pandemia é apresentada não como uma tragédia desproporcional ou um acidente de percurso, mas como resultado de um projeto de governo. Nesse enquadramento, a memória das mortes e das decisões políticas torna-se um recurso de mobilização, sintetizado na afirmação de que "a memória é nossa maior arma contra o retrocesso".

Por fim, Fábio Porchat aborda as relações políticas e financeiras de Flávio Bolsonaro, associando-as a denúncias de corrupção, uso do poder político e econômico e possíveis esquemas de favorecimento, caracterizados como um "laranjal". A possibilidade de impunidade é apresentada como consequência de sua eventual eleição, deslocando a disputa para uma oposição entre responsabilização e proteção política.

4. Tema: Político

Subtema(s): Políticas Públicas

Enunciados centrais:

Esquerda lulista	Direita não bolsonarista
	

A esquerda lulista e a direita bolsonarista procuram diferenciar seus projetos a partir da memória recente, da denúncia dos adversários e das consequências atribuídas a cada alternativa de governo. Tábata Amaral (PSB-SP) mobiliza a memória e o afeto ao recuperar a gestão de Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. A advertência de que o país não pode repetir os erros do passado associa a candidatura de Flávio Bolsonaro ao negacionismo e transforma a experiência da pandemia em critério para a escolha eleitoral. Em outro vídeo, Tábata questiona o despreparo da direita bolsonarista para formular políticas públicas, destacando a confusão entre o Pé-de-Meia e o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). Ao mesmo tempo, critica o financiamento estudantil criado em governos petistas, procurando se diferenciar tanto do bolsonarismo quanto da esquerda lulista. Ao reivindicar o Pé-de-Meia como expressão de seu próprio projeto de acesso à educação, Tábata busca ocupar um espaço de esquerda liberal que combina crítica à direita com disputa por protagonismo no campo progressista.

Guilherme Cortez (PSOL-SP) também apresenta Flávio Bolsonaro (PL) como uma ameaça de repetição dos ataques a direitos ocorridos durante o governo de seu pai. Ao relacionar medidas contra aposentados e pensionistas à proposta defendida por Flávio, procura traduzir a disputa eleitoral em consequências materiais para quem depende da Previdência. O antagonismo é construído entre a perspectiva de redução ou restrição de direitos e a defesa de políticas de proteção social associadas ao governo Lula (PT).

Em parceria com a influenciadora Bel para Meninas, Cortez ainda amplia essa diferenciação para o campo dos direitos das mulheres, questionando por que meninas e mulheres votariam em Flávio Bolsonaro. O parlamentar o apresenta como adversário de propostas de proteção às mulheres e contrapõe essa posição às políticas associadas a Lula, como a paridade salarial, o combate ao feminicídio e a oposição à ampliação do acesso a armas. A estratégia combina linguagem voltada ao público jovem, identificação afetiva e denúncia política para mostrar como as escolhas eleitorais podem repercutir sobre a segurança e a autonomia das mulheres.

Renan Santos, por sua vez, procura construir uma terceira posição ao atacar simultaneamente o lulismo e o bolsonarismo. Classifica o governo Lula como fraco, mas reconhece sua vitória eleitoral, enquanto acusa a direita bolsonarista de não apresentar um projeto consistente e de privilegiar a lacração nas redes sociais. Ao criticar o que descreve como a ampliação de pessoas que “vão usar dinheiro público” para sustentar suas “dancinhas digitais”, Renan tenta inverter a imagem de eficiência administrativa reivindicada pelo bolsonarismo. Sua operação consiste em desqualificar a capacidade de governo dos dois adversários e apresentar o Missão como alternativa capaz de formular propostas para reposicionar o país diante da crise econômica.

Ao se colocar como “nós” - o único ator capaz de listar medidas para enfrentar o cenário -, e posicionar Lula e Flávio (eles) como incapazes e corruptos, procura transformar a crise em oportunidade de diferenciação programática e operar essas chaves como instrumentos para produzir urgência e reivindicar autoridade, de modo a ocupar o espaço de uma direita que se apresenta como programática, em oposição tanto ao governo Lula quanto ao campo bolsonarista.

5. METODOLOGIA

O relatório *Brasil Online: Estudo da polarização nas Eleições Presidenciais 2026* é um projeto voltado para a estudar o debate político online nas principais plataformas de redes sociais no país. Como observado pela literatura do campo e por outras pesquisas do grupo de pesquisadores desse relatório, o debate político em plataformas digitais tem se caracterizado pela polarização ideológica e afetiva de conflito entre os perfis, que buscam mobilizar discursos para a construção de elementos diferenciais e cadeias de equivalências de identidades coletivas políticas que se articulam em dois campos: esquerda e direita.

Com a finalidade de estudar esses conflitos políticos, do *Brasil Online*, o projeto faz um acompanhamento semanal das publicações de uma lista de perfis de pessoas políticas, influenciadores e jornalistas influentes no debate político online. Foram selecionados 164 perfis, com representantes da direita e esquerda, além de jornalistas políticos (classificados metodologicamente como indefinidos). O critério de seleção dos perfis foi definido pelo número de seguidores, visando manter um equilíbrio entre os campos.

A análise dos dados combina o uso de técnicas computacionais de processamento de dados, processamento de linguagem natural e análise de conflitos por meio de uma metodologia de análise de discurso qualitativa. Para essa análise de conflitos, o projeto utiliza a abordagem da Teoria do Discurso, de Laclau e Mouffe, adaptada para o estudo de conflitos online, já utilizada em outros estudos da equipe. Essa abordagem consiste na leitura de uma amostra das mensagens com maior destaque de cada plataforma, de ambos os campos políticos, para identificar as principais formações discursivas que se caracterizam pelo antagonismo, a partir de dois momentos: a) momento fundamental: negação/distinção/diferenciação antagônica com outro/as, que pode ser expresso discursivamente ou velado, mas precisa estar antagonizando com outro/as; e b) Momento constitutivo: Afirmação/defesa/homogeneização de “nós” na formação de uma identidade coletiva política.

5.1 Fontes e coleta de dados

A partir da restrição de acesso por API, a coleta de dados é feita por meio da técnica de web scraping (ou raspagem de dados) a partir dos perfis selecionados, dentro do período de cada estudo, por meio de códigos desenvolvidos pela equipe de pesquisa para a coleta no X, Instagram e TikTok.

5.2 Tratamento e classificação

Os dados são processados a partir das métricas gerais de publicações únicas e interações. Para o cálculo das interações, foram contabilizados o número de curtidas, compartilhamentos e comentários. Por não ser possível coletar os valores de visualizações do Instagram, a equipe optou por não contabilizar esses valores para não gerar distorções nas métricas totais de interação.

Os dados estão classificados a partir do alinhamento político dos perfis (direita, esquerda e indefinido) e tipo de perfil (político, influenciador e jornalista). Para as análises comparativas, os dados dos perfis de jornalistas não foram totalizados.

Para a análise automatizada de sentimentos e emoções dos textos foram empregados dois modelos baseados na arquitetura Transformer, previamente treinados para tarefas de classificação textual em português. A análise de sentimentos foi realizada com o modelo Caramelo-Smile-2 (Adilmar/caramelo-smile-2), baseado em RoBERTa, utilizado para classificar as publicações segundo sua polaridade predominante (positiva, negativa ou neutra) e atribuir uma pontuação de confiança à classificação. Para a identificação das emoções, foi utilizado o modelo pysentimiento/bert-pt-emotion, baseado em BERT, considerando as categorias raiva, nojo, medo, tristeza, surpresa e alegria, relacionadas às emoções básicas de Ekman. Sobre os logits produzidos pelo modelo foi aplicada a função sigmoide, convertendo-os em escores independentes entre 0 e 1 para cada emoção. Essa abordagem permite tratar a tarefa como classificação multirrótulo, possibilitando que uma mesma publicação apresente simultaneamente diferentes emoções, em vez de restringir cada texto a uma única categoria. A emoção predominante foi definida a partir do maior escore obtido, considerando também limites previamente estabelecidos para distinguir manifestações emocionais expressivas. Ambos os modelos foram implementados em Python por meio da biblioteca Transformers, da Hugging Face, permitindo a classificação automatizada das publicações em larga escala.

5.3 Limitações e ressalvas

Os dados apresentados no relatório representam uma amostra de perfis selecionados. Os resultados não representam um estudo do debate online geral (o que seria impossível do ponto de vista técnico), mas apenas um recorte analítico que possibilita o estudo da polarização durante as eleições de 2026, por meio do estudo dos conflitos discursivos por importantes representantes da disputa política no Brasil.